

Biblioteca Anarquista



Esclarecendo equívocos comuns sobre Revoluções em Países Subdesenvolvidos

Mustapha Khayati

Mustapha Khayati
Esclarecendo equívocos comuns sobre Revoluções em Países
Subdesenvolvidos
1967

<https://www.bopsecrets.org/SI/11.thirdworld.htm>
Tradução por Insubordinados!

bibliotecaanarquista.org

1967

1

O papel eminentemente revolucionário da burguesia consiste em ter introduzido a economia na história de forma decisiva e irreversível. Como fiel dona desta economia, a burguesia tem sido, desde o seu aparecimento, a verdadeira (embora por vezes inconsciente) dona da “história universal”. Pela primeira vez, a história universal deixou de ser uma fantasia metafísica ou algum ato do Espírito do Mundo e se tornou uma realidade material tão concreta quanto a existência trivial de cada indivíduo. Desde o surgimento da produção de mercadorias, nada no mundo escapou ao desenvolvimento implacável deste *neo-destino*, a racionalidade econômica invisível: a lógica da mercadoria. Totalitária e imperialista em essência, exige todo o planeta como seu terreno e toda a humanidade como seus servos. Onde quer que a mercadoria esteja presente, só existem escravos.

2

Em resposta à coerência opressiva da burguesia em manter a humanidade na pré-história, o movimento revolucionário — um produto direto e não intencional da dominação capitalista burguesa — tem contraposto há mais de um século o projeto de uma coerência libertadora que é o trabalho de todos e de cada um, da livre e consciente intervenção na criação da história: a abolição real de todas as divisões de classe e a supressão da economia.

3

Onde quer que tenha penetrado — isto é, em quase todo o mundo, o vírus da mercadoria nunca para de derrubar as estruturas socioeconômicas mais ossificadas, permitindo que milhões de seres humanos descubram através da pobreza e da violência o tempo histórico da economia. Onde quer que penetre, espalha o seu caráter destrutivo, dissolvendo os vestígios do passado e levando todos os antagonismos ao extremo. Numa palavra, acelera a revolução social. Todas as muralhas da China desmoronam no seu caminho, e mal se estabelecendo na Índia quando tudo ao seu redor se desintegra e revoluções agrárias explodem em Bombaim, em Bengali e em Madras. As zonas pré-capitalistas do mundo aderem à modernidade burguesa, mas sem a sua base material. Também aí, como no caso do proletariado, as forças que a burguesia contribuiu para libertar, ou mesmo criar, vão agora voltar-se contra a burguesia e os seus servidores nativos: a revolução dos subdesenvolvidos está a tornar-se um dos capítulos principais da história moderna

4

Até agora, as revoluções nos países subdesenvolvidos apenas tentaram imitar o bolchevismo de várias maneiras. A partir de agora a questão é ir além disso através do *poder dos soviets*.³

³ O poder dos *soviets*: Isso é, o Poder dos Conselhos Operários.

Se o problema da revolução nos países subdesenvolvidos se coloca de uma forma particular, isso se deve ao próprio desenvolvimento da história: Nestes países, o atraso econômico geral — fomentado pela dominação colonial e pelas camadas sociais que o apoiam — e o subdesenvolvimento das forças produtivas impediram o desenvolvimento de estruturas socioeconômicas que teriam tornado imediatamente praticável a teoria revolucionária elaborada nas sociedades capitalistas avançadas durante mais de um século. À medida que entram na luta, nenhum destes países tem qualquer indústria pesada significativa e o proletariado está longe de ser a classe majoritária. É o campesinato pobre que desempenha esse papel.

5

Os vários movimentos de libertação nacional surgiram bem depois do destroçar do movimento operário resultante da derrota da revolução russa, que desde a sua vitória se transformou numa contra-revolução a serviço de uma burocracia que se afirmava comunista. Sofreram assim — seja conscientemente ou expressando uma falsa consciência — de todos os defeitos e fraquezas dessa contra-revolução generalizada; e com o peso adicional das suas condições geralmente atrasadas, foram incapazes de superar qualquer um dos limites impostos ao movimento revolucionário derrotado. É também precisamente por causa desta derrota que os países colonizados e semi-coloniais tiveram de lutar sozinhos contra o imperialismo. Mas porque lutaram apenas contra o imperialismo e apenas com uma parte do terreno revolucionário total, eles o expulsaram apenas parcialmente. Os regimes opressivos que se instalaram onde quer que as revoluções de libertação nacional se considerassem vitoriosas são apenas um dos disfarces pelos quais ocorre o regresso dos reprimidos.

6

Independentemente das forças que neles participaram, e independentemente do radicalismo das suas lideranças, os movimentos de libertação nacional sempre conduziram as sociedades ex-coloniais a formas modernas de Estado e a pretensões de modernidade na economia. Na China, imagem paterna dos revolucionários subdesenvolvidos, a luta dos camponeses contra o imperialismo estadunidense, europeu e japonês acabou, devido à derrota do movimento operário chinês em 1925–1927, por levar ao poder uma burocracia de modelo russo. O dogmatismo Estalino-Leninista com o qual esta burocracia doura a sua ideologia — recentemente reduzida ao catecismo vermelho de Mao — nada mais é do que a mentira, ou na

melhor das hipóteses, a falsa consciência, que acompanha a sua prática contra-revolucionária.

7

O Fanonismo ¹ e o Castro-Guevarismo são a falsa consciência através da qual o campesinato realiza a imensa tarefa de livrar a sociedade pré-capitalista dos seus restos semifeudais e colonialistas e de ascender a uma dignidade nacional anteriormente pisoteada pelos colonizadores reacionários e pelas classes dominantes. O Ben-bellismo, o Nasserismo, o Titoísmo e o Maoísmo são as ideologias que sinalizam o fim destes movimentos e a sua tomada de poder pelos estratos urbanos pequeno-burgueses ou militares: a reconstituição da sociedade exploradora com novos senhores e baseada em novas estruturas socioeconômicas. Onde quer que o campesinato tenha lutado vitoriosamente e levado ao poder as camadas sociais que organizaram e dirigiram a sua luta, foi o primeiro a sofrer a sua violência e a pagar o enorme custo da sua dominação. A burocracia moderna, como a da antiguidade (na China, por exemplo), constrói o seu poder e prosperidade na superexploração dos camponeses: a ideologia não muda nada nesta questão. Na China ou em Cuba, no Egito ou na Argélia, em todo o lado desempenha o mesmo papel e assume as mesmas funções.

8

No processo de acumulação de capital, a burocracia cumpre o que era apenas o ideal não realizado da burguesia. Aquilo que a burguesia levou séculos a conseguir “por sangue e lama” ², a burocracia quer alcançar conscientemente e “racionalmente” dentro de algumas décadas. Mas a burocracia não pode acumular capital sem acumular mentiras: aquilo que constituiu o pecado original da riqueza capitalista é sinistramente referido como “acumulação primitiva socialista”. Tudo o que as burocracias subdesenvolvidas apresentam como, ou imaginam ser, socialismo nada mais é do que um neo-mercantilismo realizado. “O Estado burguês menos a burguesia” (Lenin) não pode ir além das tarefas históricas da burguesia, e os países industriais mais avançados mostram aos menos desenvolvidos a imagem do seu próprio desenvolvimento futuro. Uma vez no poder, a burocracia bolchevique não poderia encontrar nada melhor para propor ao proletariado revolucionário russo do que “seguir as lições do capitalismo

¹ Fanonismo: ver Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*.

² “Por Sangue e Lama”: Ver o capítulo sobre “Acumulação Primitiva” no *Capital* de Marx.

de estado alemão”. Todas as chamadas potências “socialistas” nada mais são do que imitações subdesenvolvidas da burocracia que dominou e derrotou o movimento revolucionário na Europa. Tudo o que a burocracia é capaz de fazer ou é forçada a fazer não emancipará as massas trabalhadoras nem sequer melhorará substancialmente a sua condição social, porque esses objetivos dependem não apenas das forças produtivas, mas também da sua apropriação pelos produtores. No entanto, o que a burocracia não falhará em fazer é criar as condições materiais para realizar ambos.

A burguesia alguma vez fez menos que isso?

9

Nas revoluções burocráticas camponesas, apenas a burocracia visa consciente e lucidamente o poder. A tomada do poder é o momento histórico em que a burocracia toma posse do Estado e declara a sua independência face às massas revolucionárias antes mesmo de ter eliminado os vestígios do colonialismo e alcançado a independência efetiva das potências estrangeiras. Ao entrar no Estado, a nova classe suprime toda a autonomia das massas, fingindo suprimir a sua própria autonomia e se dedicar ao serviço das massas. Dona exclusiva de toda a sociedade, declara-se representante exclusiva dos interesses superiores dessa sociedade. Ao fazê-lo, o Estado burocrático é a realização do Estado Hegeliano. A sua separação da sociedade sanciona ao mesmo tempo a separação da sociedade em classes antagónicas: a união momentânea da burocracia e do campesinato é apenas a ilusão fantástica através da qual realizam conjuntamente as imensas tarefas históricas da burguesia ausente. O poder burocrático construído sobre as ruínas da sociedade colonial pré-capitalista não é a abolição dos antagonismos de classe; apenas substitui as novas classes, novas condições de opressão e novas formas de luta pelas velhas.

10

Os únicos realmente subdesenvolvidas são aquelas que veem um valor positivo no poder dos seus senhores. A pressa para alcançar a reificação capitalista continua a ser o melhor caminho para reforçar o subdesenvolvimento. A questão do desenvolvimento económico é inseparável da questão de quem é o verdadeiro dono da economia, o verdadeiro dono da força de trabalho. Todo o resto nada mais é do que falatório de especialistas.

11